

“ESTÁ SE INSTALANDO UMA MENTALIDADE MERCANTILISTA” NO MUNDO ACADÊMICO, DIZ THOMAZ WOOD JÚNIOR

Professor titular da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo e colunista da revista *Carta Capital*, Thomaz Wood Júnior foi um dos participantes do debate “Produtivismo acadêmico: origens e atualidade” (realizado em 3/11/16 no auditório da História, por iniciativa da Adusp), tendo como parceiro de mesa o professor Otaviano Helene, do Instituto de Física da USP.

Nesta entrevista, Wood Júnior compara o sistema produtivista a uma linha de montagem industrial, com metas quantitativas e indicadores de desempenho. O professor da FGV avalia que as universidades brasileiras estão cada vez mais dominadas pelas imposições do produtivismo acadêmico, que, como define um de seus artigos, pode ser entendido como “um sistema voltado para a produção científica em massa” e “um tipo de mentalidade



Daniel Garcia

ou comportamento orientado para o aumento quantitativo da produção científica, em detrimento da qualidade e relevância”.

Em outro texto, Wood Júnior associa o produtivismo ao taylorismo, apontando consequências dramáticas para a produção científica: “Novas gerações de pesquisadores, mestrandos e doutorandos são socializadas segundo os costumes descritos e dão mais importância a publicações e suas recompensas, sejam simbólicas, sejam pecuniárias, e menos aten-

ção ao conhecimento gerado e sua aplicação em benefício da sociedade. Perdem os abnegados e altruístas, que deveriam modelar a cultura acadêmica. Ganham os burocratas e mercantilistas, encaminhadores da ciência para mares desconhecidos”.

Revista Adusp. *Quais seriam as principais características desse sistema e as principais consequências na rotina dos docentes e das instituições?*

Wood Júnior. O sistema que foi criado, guardadas as proporções, é similar a uma linha de montagem industrial, com metas quantitativas e indicadores de desempenho. Ele parece estruturado e “científico”, mas é anacrônico. É como se essa linha de montagem estivesse, a todo vapor, fabricando carburadores, um produto obsoleto, que não tem mais uso. Então, tem-se um bem precioso, formado pela elite intelectual e cultural do país, desperdi-

çando recursos (sempre escassos) para fabricar algo sem utilidade. E a produção segue para estoque, nas revistas científicas que se multiplicaram, e que ninguém lê. Dentro dessas fábricas, o que se vê é lamentável: orientadores/as pressionam seus orientandos/as a escrever artigos, os quais assinam, mesmo sem ter contribuição substantiva. Trabalhos de pesquisa são fragmentados de forma a aumentar o número de publicações: a chamada ciência salame. Pesquisadores/as ficam obsecados por publicar, e passam a discutir estratégias e buscar atalhos, alguns eticamente condenáveis. E o

que é pior: está se instalando uma mentalidade mercantilista, o que vale são os pontos e metas que permitem ascensão na carreira e, em alguns casos, maiores ganhos.

Revista Adusp. *Quais seriam as particularidades do caso brasileiro em relação ao cenário internacional?*

Wood Júnior. Posso falar do campo da Administração, que é relativamente novo, porém já grande e com grande vitalidade. Nos Estados Unidos, onde o campo é mais desenvolvido, a academia se isolou em uma torre de marfim, pesquisando prioritariamente para ela mesma. Só ascende na car-

reira quem consegue publicar em periódicos de alto nível, geralmente acessíveis somente a especialistas. Para uma ciência aplicada, isso é muito estranho. Presidentes da Academy of Management, o principal colegiado científico do país, já denunciaram esse estado das coisas. E existe muita discussão e diversas iniciativas para mudar, para tornar o campo mais relevante para a sociedade e as organizações. Isso não significa atrelar as instituições de ensino aos interesses de empresas privadas, mas tornar as instituições um agente mais ativo e responsável, capaz de trazer contribuições para a sociedade. No Reino Unido, por outro lado, existe uma iniciativa muito forte para orientar os sistemas de avaliação das universidades pela mensuração do chamado impacto social do conhecimento. Ou seja, procura-se medir, e assim induzir, pesquisas que respondam a questões sociais relevantes, tais como mobilidade urbana, competitividade, inovação, sustentabilidade, desigualdade etc. É um grande laboratório, a ser observado. Outros países têm se engajado em maior ou menor grau nesse movimento. Parece ser uma grande transição, com muitos atritos, divergências e ainda pouca clareza sobre o que virá a seguir. O Brasil, no campo científico da Administração, parece seguir com atraso os desenvolvimentos internacionais. Curiosamente, segue mais os maus exemplos do que as tendências mais novas.

Revista Adusp. *Como enquadrar em parâmetros quantitativos semelhantes áreas do conhecimento tão distintas como, digamos, Letras, En-*

genharia Elétrica e Biomedicina?

Wood Júnior. Sabe-se que é necessário criar algumas “régua” comuns, mas não há uma receita simples e fácil. Se o sistema caminha para a padronização, reclama-se que as áreas têm peculiaridades que precisam ser reconhecidas. Se o sistema caminha para a diversidade, reclama-se que algumas áreas são privilegiadas. Penso que estamos todos aprendendo com acertos e erros. Diante dessa complexidade, arrisco afirmar que é possível definir alguns direcionadores e parâmetros comuns, que podem servir a diferentes campos, e complementar em cada campo com parâmetros e direcionadores mais específicos. Existe também uma tríade de conceitos que pode ajudar: direção, ação e resultado. Direção é o norte que um sistema define. Por exemplo, uma faculdade de Administração pode definir que deseja contribuir, com novos conhecimentos e modelos, para a melhoria da gestão pública, em transporte e educação. Para isso, essa mesma faculdade, coletivamente, define algumas ações, relacionadas a fomentar grupos de estudos, seminários e publicações. Com o tempo, surgem resultados, na forma de publicações científicas e, também, na forma de contribuições para políticas públicas, artigos na mídia e participação em grupos de trabalho governamentais. Aí entra a avaliação, que poderá prover uma indicação de quanto a contribuição pretendida está sendo atingida, e assim ajudar o próprio sistema a se redirecionar. Em suma, a avaliação não funciona sozinha em um sistema de gestão. Ela pre-

cisa estar alinhada com um sentido coletivo de direção, e de ações convergentes com essa direção. A avaliação é o que vai informar se estamos atingimos o que propusemos, se estamos no caminho certo.

Revista Adusp. *Há algum indicador positivo no cenário?*

Wood Júnior. O que vejo, hoje, com esperança, são as iniciativas de fazer pesquisa aplicada, aquela que parte de um problema ou questão real e procura gerar um benefício social. No caso da Administração, são problemas reais. Por exemplo: o comportamento predatório de algumas empresas em relação ao meio ambiente, a baixa competitividade das empresas exportadoras brasileiras, ou a baixa qualidade dos serviços de saúde. Colegas que se envolvem com essas questões estabelecem um verdadeiro compromisso de uso do conhecimento existente para endereçar questões relevantes, e geram novos conhecimentos, junto com a contribuição prática. Deixam a torre de marfim e se integram com comunidades e com diversos grupos. Isso não é simples, porque há sempre questões de conflito de interesse. Entretanto, é enfrentando as dificuldades e os paradoxos que se amadurece. Enfim, acredito que precisamos dar menos atenção para metas, indicadores e avaliações e prestar mais atenção no mundo ao redor, suas necessidades, e como podemos nos engajar e ajudar. Isso é especialmente importante nas instituições de ponta, que podem sinalizar os novos caminhos para as demais.

(Paulo Hebmüller)